

# Processos de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação\*

---

Rosane Alencar\*\*  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

## Resumo

Este artigo busca discutir a categorização social como um modelo sócio-cultural que é sensível à dimensão local e situada das práticas sociais. A abordagem teórica adotada fundamenta-se na Análise Conversacional. Os dados analisados foram extraídos de um *corpus* constituído por registro videográfico de interações acadêmicas em seminários de pesquisa.

**Palavras-chave:** categorização social; fala em interação; interações acadêmicas.

## Abstract

This article aims to discuss the social categorization as a socio-cultural model that is sensitive to the local dimensions and situated in the social practices. The theoretical approach is based on Conversational Analysis. Data were extracted from a *corpus* consisting of video recording of interactions in academic research seminars.

**Key words:** social categorization; talk-in-interaction; academic interactions

## Résumé

Cet article vise à discuter la catégorisation sociale comme un modèle socioculturel qui est sensible à la dimension locale et situé dans les pratiques sociales. L'approche adoptée est basée sur la Analyse Conversationnelle. Les données ont été extraites d'un *corpus* composé de

---

\* Recebido em 20 de outubro de 2008. Aprovado em 03 de novembro de 2008.

\*\* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco com estágio sanduíche no Interactions, Corpus, Apprentissages, Représentations — ICAR/Lyon. É professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFRPE.

l'enregistrement vidéo des interactions dans les milieux universitaires des séminaires de recherche.

**Mots-clé:** catégorisation sociale; *talk-in-interaction*; interações acadêmicas.

[...] parece-me que *as categorias* são muito mais *modelos sócio-culturais* do que *modelos mentais*, tendo em vista seu processo de constituição.”  
(Marcuschi 2007:140)

## Introdução

A afirmação acima nos remete à dimensão praxiológica e cultural do processo de categorização social. Concordamos com o autor que as categorias selecionadas no curso das interações das diversas práticas sociais são aquelas partilhadas pela comunidade a partir de um processo intersubjetivo de significação. Tal processo possibilita aos indivíduos a seleção das categorias apropriadas à interação em curso. Nessa perspectiva, nosso objetivo é, a partir da análise de dados de um *corpus* específico, discutir o processo de categorização social como um modelo sócio-cultural que é sensível à dimensão local e situada das práticas sociais.

Nessa perspectiva, o processo de categorização social é concebido aqui como uma atividade cultural e metódica constitutiva das práticas sociais (Watson 1994). A abordagem teórica adotada fundamenta-se na Análise Conversacional (Sacks 1995). Tal abordagem oferece uma proposta de análise da ação social que coloca o foco na cognoscibilidade dos atores sociais. Garfinkel (1984) afirma que as atividades pelas quais os atores sociais produzem e dirigem as ações cotidianas são idênticas aos procedimentos utilizados por esses para tornar tais ações explicáveis. Assim, as propriedades do conhecimento atribuídas aos atores sociais e ao modo como esse conhecimento é empregado nos diversos contextos sociais, são fundamentais nessa perspectiva. Tais propriedades devem ser analisadas a partir dos processos interativos, especialmente os que se referem à fala e à conversação – o lugar prototípico da vida social.

Inspirada nesse pressuposto, a Análise Conversacional ocupa-se do estudo da conversação como uma atividade colaborativa dos interlocutores, expressa na dimensão seqüencial e temporal da própria conversação (Gülich; Mondada 2001). A consideração de tais dimensões permite analisar como se processa, na interação, a compreensão intersubjetiva entre os indivíduos e de que maneira as categorias são selecionadas, transformadas, negadas, turno a turno, a partir das posições seqüenciais ocupadas na interação (Alencar 2004). Ou seja, a questão que

se coloca é como as categorizações emergem no discurso.<sup>1</sup> Nesse sentido, busca-se a identificação das categorias que se tornam relevantes no discurso, o que possibilitará mostrar como tais categorias são constitutivas da construção interacional da estrutura social (Schegloff 1995).

### 1. A categorização social na fala em interação

Um problema prático que os interactantes encontram em relação à organização da interação diz respeito à seleção de categorias, uma vez que existem múltiplas coleções de categorias disponíveis. A maneira como os participantes procedem para que suas atividades de categorização sejam reconhecidas pelos outros e para que estas sejam pertinentes é o que Sacks (1995) chamou de dispositivos de categorização ou *MIR - Membership categorization device*.

Os dispositivos de categorização se constituem pelas coleções de categorias e pelas regras de aplicação das categorias. As coleções de categorias são agrupamentos naturais de categorias de afiliação. Esses agrupamentos de categorias em coleções não se constroem sob uma propriedade lógica das categorias, mas a partir do raciocínio prático do senso comum dos membros da sociedade (Sacks 1968). As regras de aplicação são duas:

(a) economia: é geralmente utilizada uma única categoria como adequada para descrever um membro;

(b) coerência: o dispositivo categorial considerado adequado para categorizar um membro de uma população pode ser aplicado para categorizar a totalidade daquela população. Nesse caso, uma vez categorizado o membro de uma população, os outros membros podem ser categorizados a partir das categorias da mesma coleção.

Sacks (1992) atribui aos processos de categorização características como: (a) observáveis no discurso em que são construídos; (b) relacionados ao indivíduo e ao mundo que ele é afiliado; (c) definidos pelo contexto; (d) potencialmente inferenciados; (e) relacionados às atividades típicas do grupo que será categorizado. Tais características definem os processos de categorização como dinâmicos, configurados a partir de cada situação e de cada membro. Ou seja, a categorização nessa perspectiva, apresenta-se como uma forma complexa de classificar membros, complexidade essa que se caracteriza pelo contexto social e situacional em que os membros estão inseridos. É a consideração dessa complexidade que permite olhar para os processos de categorização como

---

<sup>1</sup> Visando uma definição aproximada de discurso (Íñiguez 2005), discurso na Análise Conversacional se refere à fala em interação cuja preocupação básica está com o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade lingüística diária (Marcuschi 2003).

jogos categoriais que se expressam de forma situada nas interações das diversas práticas sociais realizadas.

Uma distinção estabelecida por Sacks (1992) com relação aos dispositivos categoriais é quanto ao caráter natural e ocasional desses dispositivos. Alguns são naturalmente evocados com mínima informação do contexto e outros necessitam de informações do contexto mais amplo para que seja confirmada a pertinência de sua aplicação. Tal distinção coloca a organização conversacional em algumas situações como independente do contexto e, em outras, sensível ao contexto (Sacks; Schegloff; Jefferson 1974). Pesquisas desenvolvidas nos últimos anos no domínio da análise dos processos de categorização problematizam essa distinção e o próprio conceito de dispositivo que é interpretado como elemento de descontextualização.

É o caso de Hester & Eglin (1997), para quem todos os dispositivos de categorias compreendem uma dimensão local e ocasional. A forma como Sacks apresenta os dispositivos de categorias pode induzir alguns analistas a utilizá-los como um recurso *a priori* para orientar as descrições das atividades de categorização, negligenciando, desse modo, o caráter local e indexical das atividades sociais.

Para Widmer (2001), o estabelecimento teórico de que o sistema de turnos é *livre do contexto e sensível ao contexto* termina por dar um caráter quase causal ao sistema, associando um pouco de fetichismo e reificação. Segundo o autor, as interações têm um duplo caráter contingente: (a) social ao fato de que a categoria em uso é a categoria adequada ao membro e relacionado com a posição seqüencial ocupada e, (b) prático, uma vez que é no curso de uma determinada prática social que a categoria se potencializa.

Esse duplo caráter das interações leva o autor a elaborar o conceito de dispositivos de ação conjunta como complemento à noção de dispositivos de categorias de afiliação. As ações em curso são estruturadas pelos dispositivos de ação, transformando as práticas em ações humanas. Um dispositivo de ação não é pertinente, se ele não é reconhecido como pertinente por uma coletividade.

Uma outra análise interessante em relação à distinção entre dispositivos naturais e dispositivos ocasionais é realizada por Watson (1994; 1997). Segundo esse autor, o que tal distinção indica é muito mais a necessidade de se considerar as duas dimensões — seqüencial e categorial — para ser possível fazer uma análise mais rica e pertinente. Se a atenção for exclusiva a uma das duas dimensões tal análise é impossível de ser realizada.

Somente a consideração das duas dimensões permite aos interlocutores reconhecerem um contexto conversacional particular. A atenção dada unicamente à organização seqüencial ou às categorias não faz sentido, já que aspectos seqüenciais e categoriais são reflexivamente

ligados e mutuamente constituídos.<sup>2</sup> Assim, Watson, ao falar de “categorias produzidas pelos turnos” para designar as categorias como produto interno da organização seqüencial da conversação, enfatiza que essas categorias produzidas pelos turnos correspondem, de certa forma, ao conceito geral de categoria elaborado por Sacks. Essas categorias constituem-se em identidades sociais concebidas como conjuntos de direitos e obrigações relativos à fala em interação.

Dois aspectos merecem realce aqui. A idéia contida na definição de dispositivo natural é a de que as categorias são disponibilizadas no âmbito de um certo saber sócio-cultural. E, no caso de dispositivo ocasional, traz a idéia de categorias que não estão disponíveis explicitamente, mas que assumem o sentido no contexto em que emergem. Essa dupla dimensão não corresponde a uma oposição entre os dois tipos de dispositivos, e sim a uma característica presente em todo tipo de categoria. De um lado uma categoria é dotada de um sentido, de uma semântica (a dimensão categorial) e, de outro lado, a ela podem ser acrescidos sentidos particulares, quando utilizada numa seqüência de fala em uma interação específica.

Schegloff (1992) salienta essa questão, ao afirmar que uma categoria não se revela pertinente, a não ser que sua pertinência seja constituída na própria seqüência interativa. Nessa mesma direção, Mondada (1997:298) apresenta a noção de *compétence de catégorisation* entendida como uma competência sócio-comunicacional de membro, a qual permite aos membros de se reconhecerem como parte de uma dada coletividade e de produzir uma conduta reconhecida a partir das categorias selecionadas. Tal competência inclui a capacidade de proceder de forma adequada a vários tipos de categorização, por exemplo, a categorização dos interlocutores. Uma vez inserido numa interação, todo interlocutor identifica e categoriza seus interlocutores de várias formas e ajusta sua ação em relação às categorias consideradas pertinentes.

Os estudos realizados por Sacks (1968; 1972b; 1972c), para Mondada (2000), sublinham o caráter fundamentalmente indexical das descrições categoriais, apreendidas e analisadas no contexto das atividades nas quais elas aparecem e que contribuem elas próprias para a organização do contexto. A consideração da dimensão contextual da linguagem e da ação social por Sacks em seus estudos tem sido a

---

<sup>2</sup> Interessante observar que essa consideração ilustra a própria trajetória de Sacks na investigação do processo de categorização social. Inicialmente, a partir de suas análises das gravações das chamadas telefônicas do Centro de Prevenção do Suicídio de Los Angeles, descreve o processo de categorização como um aparelho cultural - dispositivos de categorias de filiação — mais adiante, integra nessa discussão a seqüencialidade e temporalidade da fala em interação — análise da categorização na conversação. (Schegloff 2007).

justificativa para muitos dos etnometodólogos, segundo Conein (2001), adjetivar tal abordagem como uma teoria original da categorização social.

Dessa forma, a análise que apresentaremos tem o foco nos processos de categorização dos participantes de uma atividade específica — seminário de pesquisa em cursos de pós-graduação nas áreas de ciências sociais — quanto às categorias produzidas pela própria organização da atividade e categorias introduzidas pelos participantes quando realizam a atividade, mais especificamente, nas alternâncias dos turnos da fala em interação.

## **2. Seminários de pesquisa: caracterização do *corpus* e proposição analítica**

A atividade *seminário de pesquisa* apresenta uma interação do tipo institucional formal conforme classificação apresentada por Drew & Heritage (1992). O objetivo, a organização da atividade e a instituição na qual ela se realiza, oferece características que a qualificam como um campo empírico pertinente para análise que é realizada.

O objetivo desses eventos é possibilitar um espaço de divulgação e discussão da produção acadêmico-científica na área das ciências sociais e são realizados em universidades.<sup>3</sup> São organizados em três etapas. A primeira é constituída pela apresentação do expositor; a segunda composta pela exposição da pesquisa temática do seminário e; a terceira refere-se ao debate sobre a temática apresentada.

Do ponto de vista da composição dos participantes a atividade apresenta três categorias — moderador, orador e público — com especificidades e posições seqüenciais distintas. A fala em interação é organizada a partir dessas categorias pré-definidas pela atividade. Os turnos são definidos *a priori* a partir dessas categorias o que implica um jogo categorial composto por categorias definidas *a priori* da interação e por categorias que serão selecionadas pelos participantes ao realizarem a atividade.

Considerando a perspectiva teórica adotada, tanto a transcrição<sup>4</sup> quanto o processo de construção do *corpus* tiveram como ponto de partida o princípio de que as pessoas, quando interagem, produzem suas

---

<sup>3</sup> Seja pelos objetivos da própria atividade, seja pela identidade convencionalmente associada à instituição universitária como instância da sociedade responsável pela produção de conhecimento científico, antes do início da interação, a própria atividade oferece aos participantes uma agenda a ser seguida em termos de direitos e obrigações à fala em interação (Alencar 2005).

<sup>4</sup> A transcrição é concebida como atividade interpretativa que incorpora a partir de suas notações os pressupostos teóricos adotados (Ochs 1979; Marcuschi 2001; Alencar 2006; 2007).

contribuições metódica e ordenadamente, esperando que os parceiros as percebam e possam entendê-las.

Nessa perspectiva, a língua é entendida aqui como uma *forma de vida*, uma maneira de tratar o processo de construção da realidade. Como um contínuo diversificado e complexo de atividades sócio-interativas pelas quais os indivíduos em contextos específicos produzem sentidos partilhados pelos membros de uma mesma comunidade (Marcuschi 2001).

A análise teve por pressupostos: (a) primazia da ação dos participantes é primordialmente coletiva ou plural, situada, contingente, organizando-se a partir dos ajustes recíprocos durante a atividade, que implica um trabalho de coordenação e de sincronização de suas perspectivas, crucial para a organização interacional; (b) organização seqüencial que apresenta como construção e gestão sincronizadas e tomadas dos turnos mutuamente alternados, exibindo a elaboração seqüencial do tópico como caráter constitutivo da conversação, uma atividade coletiva; (c) a atividade interacional é organizada em unidades circunscritas e categorizadas, a partir da perspectiva e ações dos participantes, portanto énicas, dinâmicas e emergentes (Mondada 2000).

Esses pressupostos permitiram especificar as unidades em jogo na interação entendidas como pertinentes para os participantes que lhes categorizam tanto de forma explícita quando tematizadas e, implicitamente quando utilizadas e configuradas na própria interação. O ponto de vista dos participantes foi considerado como fonte para a reconstrução dos métodos pelos quais eles utilizaram na organização de suas condutas e da própria organização da atividade realizada. Dessa forma, a análise centrou-se nos procedimentos e métodos discursivos utilizados pelos participantes para a seleção de categorias sociais pertinentes e convergentes a interação, assim como as reformulações categoriais realizadas no curso da realização da atividade.

### **3. O jogo categorial expreso na fala em interação na atividade seminário de pesquisa**

Retomando as questões conceituais apresentadas na primeira seção e relacionando-as à atividade seminário de pesquisa, temos então, como categorias de pertencimento dos participantes: o moderador, o orador e o público. Esses são reconhecidos como constituindo a coleção participante de um seminário de pesquisa. Os participantes desse seminário constituem através de sua atividade o evento ou a situação em que se manifestam. Os predicados categoriais e as atividades ligadas às categorias moderador, orador e público transitam em torno da atividade apresentação e discussão de pesquisas que se organiza em duas fases: a exposição e o debate. Na primeira, trata-se da apresentação pelo orador

de suas elaborações a respeito de um tópico ou área de conhecimento no qual desenvolve pesquisa. E, na segunda, é o momento em que se estabelece a discussão sobre o que foi apresentado.

Nessas fases, assim como durante toda a atividade, existe uma distribuição dos turnos que caracteriza bem cada momento, o que requisita dos participantes um *saber* sobre como falar a partir do lugar seqüencial que ocupa em cada fase da atividade. É considerando esses aspectos que podemos analisar a seleção de categorias como uma atividade de produção do sentido que é ocasional e situado. Seleccionamos alguns extratos que são ilustrativos desse processo. O primeiro se refere à abertura de um seminário e o segundo extrato retrata parte de um debate.

### **3.1. Apresentação do orador: emparelhamento de múltiplas categorias**

A abertura<sup>5</sup> do seminário é o momento em que o moderador faz uma breve apresentação do orador, caracterizado pelo uso de categorias, dispositivos categoriais ou de predicados categoriais para identificar o orador. No extrato que analisamos abaixo, o moderador seleciona um dispositivo categorial do tipo K<sup>6</sup> (Sacks 1968) recorrendo-se ora à categoria de especialista (*expert*), ora à categoria de pertencimento institucional.

---

<sup>5</sup> A abertura é o momento da interação no qual os participantes se inserem de forma recíproca e conjunta na conversação, com possibilidade de estabelecer uma nova relação ou re-estabelecer um contato, pela forma como exibem a aceitação ou refutação ao tipo de conversação e relação que se inicia (Schegloff 1979; Sacks 1992).

<sup>6</sup> Sacks (1968), no *corpus* constituído por chamadas telefônicas a um centro de prevenção do suicídio, chama de dispositivo categorial do tipo K uma coleção de categorias relacionadas e emparelhadas constituídas por referencia a um saber profissional.

**Extrato 01:** (S4/CD15/int)

- 1 M → bom/ hoje teremos inicialmente a apresentação da Fátima\ que  
2 todo mundo conhece\ professora visitante daqui/ já alguns anos\(.  
3 O → uma visitante \*que veio [para ficar]\*  
\* ----((sorrindo))----\*  
4 M \* [eh::: ] uma visitante que esteve aqui/ que  
\* ----- ((sorrindo))-----  
5 veio aqui pra ficar/ né\\*  
-----\*  
6 ela era visitante/enquanto eh\ relações institucionais né\ e Hugo  
7 que também todo mundo conhece aqui\ doutorando que vai nos  
8 apresentar o estado atual/ da pesquisa dele de doutorado\ eh:  
9 Fátima vai falar sobre questão de moradia/ quer dizer a questão  
10 dos assentamentos\ e Hugo vai falar sobre movimento social (...)  
11 então/ a professora Fátima tem aí até dez e meia pra sua exposição  
12 e debate\  
13 O \*vou tentar/ né\\*  
\*-- ((sorrindo))--\*  
14 M e depois Hugo depois HUGO terá de dez e meia até meio-dia  
15 também\exposição e debate né\ então eu acho que não precisaria  
16 → apresentar/ não preciso dizer que Fátima não somente é professora  
17 visitante nossa\ mas ela é/ quer dizer\ uma das referências  
18 nacionais e quiçá internacionais\ na questão da discussão *presente*  
19 (...)

Nesse extrato, por se tratar de um seminário que vamos denominar de geminado, uma vez que teve dois oradores, o moderador faz primeiro uma apresentação geral dos oradores, utilizando a mesma expressão *todos o conhecem* mais o uso da categoria *professora visitante* para a primeira e *doutorando* para o segundo (1-8). Dois aspectos desse extrato merecem comentário.

O primeiro se refere à auto-seleção (3) da oradora, num ponto de potencial transição de turno para reformular a categoria utilizada. Ao dizer *uma visitante que veio para ficar*, desloca o sentido transitório *visitante* para o sentido permanente com o uso do verbo *ficar*; o que é incorporado pela moderadora no próximo turno (4). Tal passagem ilustra um processo de co-construção de categorias a partir de uma estratégia de reparação (Schegloff; Jefferson; Sacks 1977; Schegloff 1997), contribuindo para corroborar a presença da intersubjetividade na conversação. Aspecto defendido e demonstrado em vários estudos de analistas conversacionais e etnometodólogos.

O segundo se refere à auto-reparação que a moderadora inicia a partir da linha 16 (*não somente*). Ao acrescentar a informação de que a oradora é uma referência nacional da temática que será apresentada, a

moderadora substitui a categoria usada anteriormente por uma outra julgada mais pertinente.

A pertinência da nova categoria se justifica ao considerarmos alguns detalhes do contexto. No início da apresentação (1-12), apesar dos dois oradores terem estatutos institucionais diferenciados — *professora visitante* e *doutorando* — o moderador os descreve utilizando a mesma expressão *todos o conhecem*. O acréscimo da categoria referência nacional faz uma diferenciação, necessária do ponto de vista institucional, entre os dois oradores, que antes não tinha sido feita. Esses aspectos são ilustrativos do jogo categorial presente nessa situação de abertura.

Os recursos contextuais utilizados para apreender o sentido do predicado categorial *não precisaria apresentar todos o conhecem* compreendem o pertencimento categorial do sujeito (autor de uma exposição do gênero<sup>7</sup> científico), a atividade (um seminário de pesquisa), o pertencimento categorial dos participantes (orador, moderador e público) e o contexto imediato das descrições (abertura de um seminário de pesquisa), assim como o próprio espaço institucional (sala de seminários de programas de pós-graduação em ciências sociais).

Considerando essas fontes contextuais, qualificar o orador como alguém conhecido que dispensa apresentações, numa atividade de seminário de pesquisa, permite construir o sentido da categoria *pessoa conhecida, de especialista (expert)* e, dessa forma, outras categorias como a de *pesquisador renomado* ou a de *professor universitário* são acionadas. No caso do extrato analisado a utilização da categoria *pessoa conhecida* acompanhada da categoria *professor visitante*. No próximo extrato, um outro jogo categorial foi produzido.

### 3.2 Divergência de idéias: rebaixamento categorial

Por se tratar da fase final de um debate, é importante recuperar o contexto de discussão anterior à seqüência em análise do extrato abaixo. Das quatro intervenções que ocorreram, as discussões giraram em torno do conceito de extensão universitária e dos recursos nas universidades brasileiras. Durante a exposição, assim como nessas intervenções no debate, a oradora defendeu uma prática extensionista de concepção acadêmica e a rejeição a uma proposta de extensão mercantilista. Com a

---

<sup>7</sup> O termo “gênero” é tomado como práticas sócio-históricas (Bakhtin 1979). Nessa perspectiva, os gêneros são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social; como afirma Marcuschi (2002) “[...] fruto de trabalho coletivo os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social altamente maleáveis, dinâmicas e plásticas”.

intervenção que vamos analisar, a discussão é reiniciada, porém dentro de um enquadre (Goffman 1974; 1979) de desacordo do debatedor em relação à oradora.

**Extrato 02:** SE3(CD2/Int)

- 197 D → eu acho que/ essa atitude um tanto maniqueísta/ que você  
198 usou\ não é/ porque você tem extensão/ que pode chamar de  
199 assistencialista\ pode a: que você chama mercantilista/ você  
200 → pode ter outros tipos de extensão\ de programas de buscar  
201 recursos/sem ser mercantilista\não é\ você só faz  
202 → assistencialismo/ se você tiver recursos\eu fui/ durante muito  
203 tempo\ da comissão de pesquisa da universidade/ e TEM QUE  
204 SER PESQUISADOR não é\ e me aparece um sujeito  
205 competente/ como professor/ competente como profissional/ e  
206 me apresenta como proposta de pesquisa\ era DEMONSTRAR  
207 OS EFEITOS CICATRIZANTES DO elixir sanativo/ ora\  
208 qualquer/ qualquer farmacêutico/ não é\ há quarenta anos ou  
209 → mais/ já se sabe dos efeitos do elixir sanativo\ eu quero lembrá-  
210 la/ se eu não me engano é de Aristóteles ou é São Tomaz de  
211 Aquino/ que dizia\ que a virtude está no meio/ uma coisa é a  
212 ciência\ outra é a sabedoria\ se você tiver ciência/ e não tiver  
213 → sabedoria\ tá perdido/ você tem que ver isso/ e não fosse recurso  
214 externo\ você não estaria fazendo doutorado aqui\ e foi graças a  
215 isso/ a essa busca de recursos\ que a gente teve a possibilidade  
216 de desenvolver o programa/ e formar/ uma quantidade enorme  
217 de doutores/ não é\ para serem professores/ e agora\ nós  
218 estamos tentando formar/ doutores\ eu espero/ que estejamos  
219 fazendo isso\que °estejamos fazendo isso\ né°\  
3s -----(oradora de cabeça baixa folheando os papéis)  
220 M → Nilza/  
221 O é:: . realmente\ . não . se procurou . assim:: dar por exemplo/  
222 colocar a extensão dentro dessas concepções\ se encontrou na  
223 extensão essas tendências\ essas concepções\ e ao se analisar as  
224 práticas das universidades federais/ a partir desses documentos\  
225 se verificou/ exatamente isso\ que em um/ há a tendência  
226 assistencialista\ noutra mais acadêmica/ ou mercantilista/ mas  
227 se encontra em todas/ as três práticas\ [e/]  
229 D → [eu] gostaria de saber/ se  
230 sua proposta de estudo\ se você vai apenas descrever/ o que  
231 aconteceu\ CONTAR HISTÓRIA\ ou você tirou da sociologia/  
232 algum elemento pra construir a sua utopia/  
233 O veja bem/ a utopia continua\ é de não deixar a universidade  
234 pública/ tornar-se empresa\ porque a natureza da empresa/ é  
235 → diferente da natureza da universidade\ e não é a partir/ por  
236 exemplo\ da venda de serviços/ propriamente dita só  
237 exclusivamente da venda de serviços\ que a universidade/ ela  
238 deve sobreviver\ mas mesmo havendo venda de serviços na

239 universidade/ tem que haver dentro dessa prática\ um pensar/  
 240 um fazer/ e um refletir\ que envolva alunos/ professores/ e que  
 241 se volte pra resolução dos problemas sociais\ e não  
 242 simplesmente/ para o atendimento de uma necessidade\  
 243 D a gente ainda teria muito o que discutir/ mas como eu não faço  
 244 parte da [banca/ não: é\ isso não é problema meu/ não é\  
 245 PUB → [----sorrisos -----]  
 é problema dos [seus/  
 246 M [alguém gostaria]de fazer alguma  
 247 pergunta/algum comentário/  
 248

Observamos nesse extrato que a intervenção se realiza a partir de dois pares adjacentes, o primeiro do tipo comentário–resposta e o segundo num formato pergunta–resposta.

O debatedor inicia o seu comentário categorizando a oradora como apresentado *uma atitude maniqueísta* (197), fazendo referência à idéia apresentada anteriormente pela oradora de que na pesquisa realizada *os projetos e documentos institucionais/ analisados indicam/ essencialmente/ dois tipos de concepção de extensão\ que se pratica na universidade/ uma que eu chamo mercantilista\ e outra/ que eu chamo de assistencialista*, explicitando sua oposição à prática mercantilista que, segundo a oradora, é uma forma de privatização da universidade e a defesa por uma prática acadêmica.<sup>8</sup>

Em seguida, o debatedor se posiciona contrariamente a essa idéia (200) ao afirmar que podem existir outros tipos de extensão, não mercantilista, que busquem recursos. A partir desse momento, começa um processo de autocategorização do debatedor como *professor e pesquisador* (201) e depois como um dos que fundaram o programa de doutorado (209-210) no qual a oradora realiza o curso. Esse processo é acompanhado de três ações a partir das quais o debatedor também recategoriza a oradora.

Primeiro, ao fazer um relato autobiográfico se apresentando como participante de uma comissão de pesquisa à qual foi submetido um projeto de pesquisa não pertinente (206-209). Em seguida, ao usar uma citação um argumento de autoridade, como recomendação à oradora (*é bom você lembrar*) que esta não se esqueça de que ciência se faz com sabedoria (209-210) e, por fim, questiona a qualidade do próprio programa de pós-graduação, ao por em dúvida a formação de doutores (216-219).

---

<sup>8</sup> Em toda a seqüência da exposição vamos encontrar essa idéia repetida várias vezes. Interessante observar que o caráter central do tópico foi reconhecido não apenas por esse participante, mas por outros debatedores durante o debate.

Dessa forma, vemos o emparelhamento de um processo de autocategorização ao mesmo tempo com um de heterocategorização. Ao final do turno (219), a oradora não se seleciona e só inicia a resposta três segundos depois, sendo selecionada pela moderadora. Esse atraso, juntamente com os gestos da oradora (folheando os papéis) e a forma como a oradora inicia o turno (várias pausas e hesitações) podem sugerir que o comentário do debatedor tenha tido um efeito perturbador.

A resposta de Nilza (221-227) é elaborada em torno do primeiro tópico apresentado pelo debatedor (maniqueísmo) e, antes de concluí-la, o debatedor se seleciona colocando uma questão. Questão essa que explicita uma avaliação negativa da tese (229-232). Na resposta apresentada, Nilza, ela re-introduz a sua *tese*, sua *utopia* (233-242), ou seja, o ponto de conflito reaparece na interação. Ao finalizar, o moderador se auto-seleciona para anunciar que *ainda teria muitas coisas pra discutir* demonstrando assim a não resolução do desacordo e faz uma brincadeira provocando o riso do público e da moderadora ao se referir à banca de defesa de tese (*contexto assimétrico particular de avaliação*) de Nilza, quando a moderadora se sobrepõe para retomar o debate, colocando a palavra à disposição do público novamente.

Interessante comentar é que o desacordo em torno de um tópico<sup>9</sup> foi tratado de forma diferenciada pelos interlocutores. O debatedor, durante toda a interação, apresentou uma conduta de recorrência a estratégias de auto-categorização e heterocategorização, estabelecendo-se o par categorial *expert-noviço* e, a oradora, sempre em suas retomadas do turno, re-introduzindo o tópico em discussão.

Por se tratar de uma atividade de debate, a instabilidade categorial se expressou tanto em relação às categorias pessoais envolvidas (par categorial do tipo professor/doutorando e que é enfatizada a dimensão *expert/noviço*), assim como as categorias relativas ao saber, ao conhecimento discutido. Observamos assim uma trajetória marcada por descontinuidades tópicas introduzidas pelos interlocutores, o que de certa forma impediu uma elaboração (exame analítico) do próprio tópico em questão. A hipótese que trazemos é que a forma como o desacordo (diferentes níveis) é introduzido, de forma hierarquizada, atrelando-se aos papéis dos atores sociais envolvidos, impediu um processo colaborativo de construção e re-construção das categorias do discurso.

Em síntese, os dados analisados ilustram é que, a partir de uma configuração que é construída localmente pelos participantes, apesar de

---

<sup>9</sup> Tópico é considerado aqui pelo seu aspecto organizacional na conversação, inserindo-o como um fenômeno constituído pelos locutores — como um problema prático aos interactantes — e nesse sentido, deixando de ser uma construção do analista (Alencar 2004).

existir uma organização *a priori*, as categorias envolvidas tornam-se instáveis, móveis e dinâmicas.

### **Considerações finais**

A instabilidade constitutiva das categorias nos extratos analisados nos faz retomar a idéia central nos estudos de Sacks sobre a dupla dimensão das categorias. As categorias definidas pela atividade e aquelas selecionadas na realização da atividade.

Em síntese, a análise aponta para um processo de categorização dos interlocutores desenvolvido de forma local e coletiva e, dessa maneira, o emparelhamento das múltiplas categorias selecionadas é construído a partir da configuração local da atividade. Ainda, a descrição e análise dos procedimentos de categorização, colocados em ação pelos participantes na realização da atividade, aponta para algumas considerações mais gerais em relação à categorização: (a) a categorização esteve associada à atividade — seminários de pesquisa — organizando a interação a partir de tais categorias como aparelho cultural (conjunto de inferências e conhecimentos dos participantes em relação a essas categorias) e como dispositivos ocasionais construídos a partir das ações dos participantes, em que a pertinência dos dispositivos empregados é definida localmente; (b) os participantes apresentaram ações praxeológicas com as categorias nas atividades de identificação, predicação e avaliação, exibindo uma intersubjetividade construída contextual e coletivamente.

### **Referência Bibliográfica**

- ALENCAR, R. 2004. *O discurso científico e a construção coletiva do saber: a dimensão interativa da atividade acadêmico-científica*. Tese de doutorado, Recife, Brasil.
- \_\_\_\_\_. 2006. Atribuição de categorias sociais em encontros colegiados de uma cooperativa. *Revue uniRcoop*. 4: 237- 257.
- \_\_\_\_\_. 2007. Análise da conversação: uma proposta para a análise das práticas sociais. In: WEBER, S.; LEITHAUSER, T. (orgs.), *Métodos qualitativos nas ciências sociais e na prática social*. Recife: Editora Universitária UFPE, p. 59-71.
- BAKHTIN, M. [1979]. 1992. Os gêneros do discurso. In —: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 277-326.
- DREW, P.; HERITAGE, J.C. 1992. *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: University Press.

- CONEIN, B. 2001. Classification sociale et catégorisation. In: FORNEL, M.; ORGIEN, A.; QUÉRÉ, L. *L'ethnométhodologie une sociologie radicale*. Paris: La découverte et Syros, pp. 239-258.
- GARFINKEL, H. 1984. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- GÜLICH, E.; MONDADA, L. 2001. Analyse conversationnelle. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. (eds). *Lexikon der romanistischen Linguistik*, Tübingen: Niemeyer. (Band I) 2, p.196-250.
- HESTER, S.; EGLIN, P. 1997. Membership Categorization Analysis: an introduction and The reflexive constitution of category, predicate and contexte in two settings. In: HESTER, S.; EGLIN, P. *Culture in action: studies in membership categorization analysis*. International Institute for Ethnomethodology and conversation analysis. Washington D.C: University Press of America, p. 1-24.
- INIGUEZ, L. 2005. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MARCUSCHI, L. A. 2001. Um corpus lingüístico para a análise de processos na relação fala e escrita, apresentado no Simpósio Corpus Lingüístico, INPLA, PUC, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. 2007. A Construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: BECHARA, E. (org.). *Cognição, linguagem e praticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MONDADA, L. 1997. Processus de categorization et construction discursive des catégories. In : DUBOIS, D. (dir.). *Catégorisation et cognition : de la perception au discours*. Paris, Editions Kimé, p. 291-313.
- \_\_\_\_\_. 2000a. Grammaire-pour-interaction et analyse conversationnelle. In: BERTHOUD, A. C. (ed). *Modèles du discours en confrontation*. Bern: Lang, p. 23-42.
- \_\_\_\_\_. 2000b. La compétence de categorisation: procédés situés de catégorisation des ressources linguistiques. In: MARTINEZ, P. ; DOEHLER, S. P. (eds.). *La notion de contact de langues en didactique*, Paris: ENS Editions & Didier Erudition, p. 81-102.
- OCHS, E. 1979. Transcription as theory. In: OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. B. (eds). *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press, p. 43-72.
- SACKS, H. 1968. The Search for Help: No one to turn to. In: SCHNEIDMAN, E. (ed.). *Essays in Self-destruction*, Science House, New York.

- \_\_\_\_\_. 1972a. On the analyzability of stories by children. In: GUMPERZ, J.; HYMES, D. (eds.). *Direction in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, p. 325-345.
- \_\_\_\_\_. 1972b. Notes on police assessment of moral character. In: SUDNOW, D. *Studies in social interaction*. New York: Free Press, p. 280-293.
- \_\_\_\_\_. 1995. *Lectures on conversation, vol. I & II*. Edited by G. Jefferson. Oxford: Basil Blackwell.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. 1974. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*. 50: 696-735.
- SCHEGLOFF, E. A. 1992. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *American Journal of Sociology*, 97 (5): 1295/1345.
- \_\_\_\_\_. 1995. Introduction. In: H. Sacks. *Lectures on conversation, vol. I & II*. Edited by G. Jefferson. Oxford: Basil Blackwell.
- \_\_\_\_\_. 1997. Third Turn Repair. In: G.R. Guy et al. (ed.), *Towards a Social Science of Language*. Amsterdam: J. Benjamins, pp. 31-40.
- \_\_\_\_\_. 2007. Categories in action: person-reference and membership categorization. *Discourse Studies* 7(4-5): 455-480.
- SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. 1977. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language* 53:361-82.
- SCHEGLOFF, E. A.; SACKS, H. 1973. Opening up closings. *Semiotica* 7: 289-327.
- WATSON, R. 1994. Catégories, Séquentialité et Ordre Social. In: FRADIN, B.; QUÉRÉ, L.; WIDMER, J. (ed.). *L'enquête sur les catégories, Raisons Pratiques 5*, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- \_\_\_\_\_. 1997. Some General Reflections on Categorization and Sequence in the Analysis of Conversation. In: HESTER, S.; EGLIN, P. (eds.). *Culture in action: studies in Membership Categorization Analysis*. International Institute for Ethnomethodology and Conversation Analysis. Washington D.C: University Press in America, p. 49-76.
- WIDMER, J. P. 2001. Catégorisation, tours de parole et sociologie. In: FORNEL, M.; OGIEN, A.; QUÉRÉ, L. (ed.). *L'ethnométhodologie une sociologie radicale*. Paris: La découverte et Syros.

## Anexo

### Convenções de transcrição

[	início de uma sobreposição entre dois locutores
]	final da sobreposição
/ e \	entonação ascendente e descendente, respectivamente
..	pausas pequenas, médias e longas, respectivamente
(2s)	pausas mais longas, medidas em segundos (a partir de 1 segundo)
::	alongamento silábico
sublinhado	uma ênfase particular numa sílaba ou numa palavra
CAIXA ALTA	volume forte da voz
° °	volume baixo da voz
=	Encadeamento rápido entre dois turnos
&	continuação de um turno pelo mesmo locutor após a interrupção
(( ))	comentários do analista assim como fenômenos não transcritos
* *	delimita o segmento que está entre parênteses
M,O,D	Categorias definidas pela atividade (moderador, orador, debatedor e público)